

QUAL O LUGAR DA FILOSOFIA NA SOCIEDADE?

Renice

Cecília Gafuri *

RESUMO: A filosofia surge com o homem e até o homem primitivo poderia ser alguém que filosofava. Ele também investigava, embora não tivesse conhecimento filosófico. A filosofia é uma ciência fascinante. Entendida como a ciência que estuda os seres, ou mais do que isso, pois os seus objetos escapam às circunstâncias, situam-se na escala do absoluto e não nas diferenças sociais e políticas. Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir a importância de refletir-se sobre seus pressupostos teóricos, sua função social, o lugar do filósofo e as questões que envolvem a filosofia diante da realidade educacional e social brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: educação; filosofia; realidade; globalização.

IS THAT THE SITUATION OF PHILOSOPHY IN THE SOCIETY?

ABSTRACT: The philosophy appear with man, until primitive man could be somebody that philosophized, he also investigated, although hadn't be scientific knowledge. The philosophy is fascinating science. Understanding as science that study the being or more than this, the it's object escape to circumstance, and localize in scale of absolute and not in social and politic difference. This article has an objective to discuss the importance to think about theory, it function, situation of philosopher and questions that involve the philosophy in front of reality Brazilian social and educational.

KEY WORDS: education; philosophy; reality; globalization.

A Filosofia na Sociedade

A escola, no Brasil, é, por tradição, excludente, pois a educação dos trabalhadores não era significativa para a sociedade até 1930. Essa realidade se dava devido à desvalorização do trabalho manual. Segundo Souza (2002:04), era o [...] *“trabalho manual, considerado degradante, relacionado à pobreza e à escravidão – herança cultural de longo regime escravista”*.

No período colonial, o ensino no Brasil, de um modo geral, era caracterizado pela organização das forças produtivas concentradas em grandes

*Mestranda em educação pela FAFICOP, Licenciada em Filosofia e História pela Unioeste, Licenciada em Espanhol pela UFPR, professora de Filosofia da Educação e Didática na Unioeste, integrante do grupo de pesquisa RE-CRIARE. rgafuri@yahoo.com.br

Endereço: Rua da Faculdade, 2550, Jardim La Salle - Toledo - Paraná - Brasil;

propriedades e mão-de-obra escrava. Souza (2002:05), diz que “a sociedade latifundiária e escravocrata acabou por ser uma sociedade aristocrata. E para isso contribuiu significativamente a obra educativa da companhia de Jesus”.

Nessa realidade, o acesso à escola era limitado a um pequeno grupo de pessoas que pertenciam à classe dominante e, principalmente, aos homens, pois, não havia muito interesse pela ciência e nem pelas atividades técnicas e artísticas. Para Souza (2002:04), “tratava-se, portanto, de um conteúdo desinteressado, destinado a dar cultura geral básica, sem preocupação de qualificar para o trabalho, uniforme e neutro”.

Essa educação, que correspondia aos interesses de uma minoria dominante, transformou-se em uma educação para determinadas classes, com o predomínio do modelo jesuítico, no período colonial e imperial, inclusive na I República.

No século XIX, surgiu no Brasil uma classe intermediária e a presença da família real provocou modificações no cenário escolar, iniciou-se também um processo de autonomia com a criação dos primeiros cursos superiores.

No período da Proclamação da República, não foram realizadas transformações significativas no ensino de maneira a provocar a renovação nas elites culturais e políticas. “Nesse período as classes médias emergentes não possuíam nenhuma afinidade ou ligação com as camadas mais pobres da população, almejavam o mesmo modelo da elite” [...] A velha mentalidade escravocrata era também uma característica marcante do comportamento das massas.(Souza 2002:06)

A partir de 1920, tem início uma ruptura no modelo até então vigente, mas, é somente de 1930 a 1945 que haverá uma preocupação mais significativa em relação à educação, por parte do governo brasileiro, com o intuito de melhor formar e qualificar para o trabalho.

No período de 1945 a 1964, a educação preocupa-se em formar trabalhadores para o mercado interno. Souza (2002:07) afirma que, de “1945 a 1964 a educação da classe trabalhadora é repensada no sentido de adequá-la às novas exigências do modelo econômico voltado para a internacionalização do mercado interno” [...]

A sociedade contemporânea passa por inúmeras modificações, existindo uma iniciativa de proximidade no contexto educacional da Comunidade Européia, Sistema Mundial de Educação e o Mercosul. Com a inflexão neoliberal dos anos 90 houve uma tentativa da construção de um “Estado de Bem Estar Social” com a Constituição de 1988 que, segundo Oliveira (2000), foi [...] promulgada num contexto político de retorno à democracia, de acesso às lutas populares e sociais, e a Constituição sintetizou as contradições do processo de redemocratização brasileira.

Com todas as reformas, pode-se observar a regularização do fluxo

no Ensino Fundamental, em que todos terão o mesmo tempo de escolarização, mas não o mesmo nível, eliminando assim a exclusão da escola, mas não a exclusão do acesso ao conhecimento.

Para Marx e Engels (1978:38) “apresentar o ensino como um meio que se oferece a todos como uma oportunidade de subida social, oferecida no alvorecer da vida, independente da origem social dos indivíduos, é típico da abstracta e oca democracia burguesa [...]. Resultando na divisão dos diferentes níveis de ensino e também na reprodução da pobreza, pois o que se ensina na escola não condiz com a realidade de quem reproduz a pobreza”.

Para Marx, o Estado também faz parte do problema do ensino, pois o proletariado deveria determinar o caráter do seu ensino e não o Estado, mas é a classe menos culta, tendo em vista que a burguesia é quem faz o controle do ensino.

Marx e Engels (1978:224) [...] dizem que, “*Por um lado, é preciso uma mudança das condições para criar um sistema de instrução novo; por outro lado é preciso um sistema de instrução já novo para mudar as condições sociais*”.

Já para o filósofo, o homem é o indivíduo que não está subordinado ao trabalho, sendo este quem promove a história, mas também está condicionado ao desenvolvimento de todos os outros com quem estabelece relações, sendo elas diretas ou indiretas e de diversas gerações, pois todo indivíduo está associado aos que lhe precederam. Pois, segundo Marx e Engels (1978:251): “*Não tem a mínima dívida de que as capacidades de desenvolvimento das crianças dependem da formação dos pais, e de que todas as mutilações dos indivíduos são o produto histórico das condições de vida existentes até aqui*” [...].

Nos países, em desenvolvimento, a educação sofre sérios problemas: recursos escassos; baixa qualidade; distribuição inadequada. É, portanto, necessário planejar a melhoria dessas condições e o Banco Mundial orienta esta melhoria aos países ao qual empresta dinheiro. Para Zibas (1997:12): “*O documento reconhece que as condições não serão as mesmas entre os diferentes países e explicita que tal variação deve ser levada em conta*”.

É necessário chamar a atenção, também, para o planejamento participativo e para a necessidade de considerar as lideranças locais, pois, para o Banco Mundial quem recebe o financiamento deve ser o proprietário do projeto. Mas, este é induzido a desenvolver o projeto na direção estabelecida pelo banco, em que se cobra a atenção aos resultados da educação.

Para o Banco Mundial, a educação básica deve ser fornecida gratuitamente e a secundária e superior deve ter um pagamento de taxas. As operações do Banco nunca forma humildes e, para os próximos anos, a influência será ainda mais forte, principalmente, nos países mais pobres.

O documento, quando se refere às habilidades cognitivas, de acordo

com Zibas (1977:16), diz que os “*investimentos na educação primária e no primeiro ciclo da educação secundária são especialmente bem justificados*”. Isso porque as habilidades que devem ser enfocadas pela escola são: a linguagem, a ciência, as matemáticas, mas as matemáticas e a linguagem não são as mais importantes, e sim o ensino de informática, condição básica para se obter o financiamento. Dessa forma, a filosofia perde o seu espaço diante dessa imposição política.

A realidade cotidiana e os meios de comunicação promovem a ilusão de que a satisfação está ao alcance das mãos, a realização plena do homem está ao alcance das mãos. Diante disso, qual o lugar para a filosofia? Qual o campo de atuação para os filósofos? De que maneira podem influenciar no desenvolvimento da criança e da escola?

Em época de globalização, pensar sistemático, reflexivo e analítico ou a justificação do que se afirma é tido como algo arcaico ou sem valor.

Cerletti-Kohan (1996:44) “*El espacio Del pensamiento há sido reemplazado por un espacio común masmedidático, productor de usuários dóciles y espectadores pasivos.*” Esses sujeitos são apresentados como indivíduos autônomos, capazes de saber escolher, mas na verdade são induzidos a pensar assim.

A disciplina de filosofia, inserida em toda essa política de consumismo, acaba não sendo sedutora, não é valorizada, não garante a felicidade nem resolve os problemas, pelo contrário, muitas vezes amplia o problema de forma mais profunda. O impacto da imagem é mais rápido que o da reflexão, e o pior é que no mundo globalizado, tudo o que não tem um rendimento imediato é considerado perda de tempo.

Diante de todas as influências atuais, a instituição escola desaparece como tal ou se atualiza. Cerletti-Konhan (1996:47): “*Que significa ‘actualizarse’ podría haber sido quizás interesante tema de debate y discusión pública, pero la economía y el mercado parecen ya heber reasignado a la escuela una tarea y un lugar a los que más o menos trauáticamnte, parece ir adaptándose.*”

Portanto, pode-se dizer que a aula de filosofia transformou-se em um espaço complexo e com inquietudes diferentes. A filosofia é uma aposta ao pensamento, é pôr em prática a possibilidade de transformação do sujeito. Através da filosofia pode-se fazer uma leitura da globalização em outro âmbito. Pode-se traçar novos caminhos para alcançar um bom diálogo com os alunos.

CONCLUSÃO

Este artigo não tem a pretensão de esgotar o assunto. O objetivo

foi tecer algumas considerações, fazer algumas reflexões envolvendo a filosofia diante das novas circunstâncias sócio-político-econômicas impostas às sociedades numa economia globalizada.

Diante da realidade da história da educação brasileira, da política do Banco Mundial e da Globalização, pode-se concluir que não se tem muito espaço para o pensamento crítico e reflexivo desenvolvido pela filosofia. Mas, é nesse pequeno espaço que se pode desenvolver um trabalho de maneira tal que o aluno perceba toda essa situação com outros olhos e não simplesmente como um reproduzidor da realidade imposta, que possa, a partir da filosofia, perceber que poderá ser um sujeito transformador da realidade e comprometido com os valores sociais de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERLETTI, A. A.; KOHAN, O. W. **La filosofía en la escuela**: caminos para pensar su sentido. [S.l.]: Oficinas de Publicaciones del C.B.C., 1996.

GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão**: Crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOMBARDI, J. C. (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação-história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Autores Associados 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **Crítica da educação e do ensino**, São Paulo: Moraes, 1978.

OLIVEIRA, R. P. (Org.). **Reformas educacionais em Portugal e no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, I. dos S. **Trabalho, educação e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

ZIBAS, D. M. L. Globalização e políticas educacionais na América Latina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 100. Cortez, 1997.

Data do recebimento: 06/08/2003

Data do aceite: 16/10/2003